



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Ata do Copom e RTI trazem mais detalhes sobre condução da política monetária

Em semana bastante movimentada, as atenções do mercado estarão voltadas para os documentos do BC, após o Copom sinalizar continuidade do ritmo de queda de 0,5 pp da Selic nas próximas reuniões. A sinalização foi relativamente enfática em tal direção, contendo, assim, as apostas em uma aceleração do ritmo de flexibilização até o fim do ano. De toda forma, os agentes aguardam maiores detalhes sobre as condições necessárias para um afrouxamento mais célere, o que pode aparecer na ata da reunião que será publicada nesta terça (26). Já o Relatório Trimestral de Inflação (RTI), a ser divulgado na quinta (28), trará as novas projeções da instituição e também será importante para calibrar as expectativas dos agentes. Vale destacar que após a divulgação do RTI, o presidente da instituição, Roberto Campos Neto, dará entrevista para comentar o relatório.

O mercado também acompanha os números da prévia da inflação (IPCA-15) de setembro, que deve voltar a 5%. O índice será conhecido na terça (26) e deve subir 0,37%, pressionado especialmente pela alta da gasolina e do óleo diesel, em função do recente aumento realizado pela Petrobras. Na outra ponta, os preços dos alimentos devem seguir em queda, ajudando a manter o índice sob relativo controle. Em 12 meses, o indicador deve acelerar para 5,02% (ante 4,24%), embora a expectativa é que a inflação de serviços e os núcleos sigam em desaceleração. Já a FGV divulga, na quinta (28), o IGP-M de setembro, que deve subir 0,37%, também pressionado pelos combustíveis, embora ainda mostrando uma dinâmica benigna dos preços no atacado, especialmente agrícolas. Em 12 meses, o índice deve evoluir de -7,20% (mínima histórica) para -5,94%.

No mercado de crédito, o saldo total deve crescer 1,3% em agosto e mostrar suavização do ritmo de desaceleração da carteira, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. No mês, o crescimento deve ser liderado pelo crédito direcionado (+1,9%), com forte desempenho na carteira PF (+1,5%) e PJ (+2,6%), impulsionados pelo crédito rural, refletindo a liberação de recursos do Plano Safra 2023/24. De toda forma, a expectativa é que a carteira com recursos livres também cresça no mês (+0,9%), com sinais de normalização das linhas de fluxo de caixa (desconto de recebíveis e antecipação de faturas), diante da percepção de redução do risco no segmento PJ. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve ficar praticamente estável, passando de 8,2% para 8,1%, sinalizando uma dinâmica mais benigna do mercado de crédito neste segundo semestre. Veja mais detalhes da Pesquisa nas [páginas 7 e 8](#). A nota oficial do BC sai na quarta-feira (27).

No âmbito da atividade, destaque para os números do mercado de trabalho, que devem seguir apontando resiliência, a despeito de alguma moderação. A expectativa é que o Caged mostre geração de 180,0 mil vagas formais em agosto, abaixo do número observado em ago/22 (+287,8 mil), enquanto a taxa de desemprego (PNAD) deve seguir recuando e atingir 7,8% em agosto (ante 7,9% em julho). Ao longo da semana, a FGV divulga as sondagens de confiança de setembro, que têm mostrado alguma melhora nos últimos meses, principalmente entre os consumidores.

No campo fiscal, as contas públicas devem seguir pressionadas em agosto, ainda mostrando uma combinação de queda das receitas e aumento da despesas. Enquanto as despesas seguem pressionadas pela ampliação dos auxílios do governo, as receitas tem recuado, conforme apontado pela Receita Federal na última semana ([ver pág. 5](#)). Com isso, os analistas preveem déficits de R\$ 26,2 bi para o governo central e de R\$ 25,5 bi para o setor público consolidado no mês. Os números serão divulgados pelo Tesouro na quinta (28) e pelo BC na sexta (29).

Em relação às contas externas, o BC divulgou hoje cedo o saldo em transações correntes de agosto, que ficou deficitário em US\$ 0,8 bi, bem abaixo do déficit de US\$ 7,0 bi de agosto de 2022, devido à forte melhora do superávit comercial. Em 12 meses, o déficit em conta corrente soma US\$ 45,3 bi (2,2% do PIB), se mantendo em nível relativamente contido e financiado com alguma tranquilidade pela entrada de investimento direto no país (IDP), que ficou em US\$ 65,9 bi (3,2% do PIB).



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No cenário internacional, os agentes aguardam dados de inflação e atividade dos EUA para calibrar as expectativas para os próximos passos do Fed, que manteve em aberto a possibilidade de uma nova alta dos juros. Na sexta (29), será conhecido o deflator dos gastos de consumo pessoal (índice PCE) de agosto, métrica preferida do Fed, que deve acelerar de 3,3% para 3,5% em 12 meses, em linha com o observado no CPI, refletindo a elevação recente dos preços dos combustíveis. Quanto à atividade, destaque para os dados de renda e gastos pessoais, que devem subir 0,4% em agosto, refletindo a resiliência do mercado de trabalho e conseqüentemente no consumo das famílias. Ainda nos EUA, ao longo da semana serão divulgadas a leitura final do PIB do 2º trimestre, dados do setor imobiliário e indicadores de confiança, importantes para confirmar os sinais de que a economia se mantém relativamente aquecida, o que justificaria uma nova elevação dos juros.

Por outro lado, uma série de riscos surge no cenário (greve de trabalhadores e paralisação do governo federal) e deve manter os agentes cautelosos com a economia norte-americana. O mercado deve seguir atento aos desdobramentos da greve dos trabalhadores da indústria automobilística na região de Detroit, que começou dia 15 de setembro e já afeta 13 mil trabalhadores em 3 diferentes montadoras, e aparentemente, pode crescer nos próximos dias. Outro ponto de atenção é a possibilidade de uma paralisação do governo federal, devido à uma nova falta de acordo entre Republicanos e Democratas em relação ao Orçamento de 2024. Os congressistas têm até o dia 1 de outubro para chegar a um acordo. Caso contrário, todos os funcionários federais (exceto os essenciais) serão colocados em férias coletivas.

Na Zona do Euro, será divulgada a prévia da inflação ao consumidor (CPI) de setembro, na sexta (29). O consenso aponta para uma desaceleração de 5,2% para 4,5% em 12 meses, refletindo o aperto monetário implementado pelo BCE e a exclusão da base de comparação da forte alta dos preços de energia na região em 2022 devido aos desdobramentos da guerra da Ucrânia.

Na China, destaque para a divulgação dos índices PMI, cuja expectativa é que mostrem alguma recuperação em agosto, após as recentes medidas de estímulo adotadas pelo governo. Os indicadores serão conhecidos na sexta (29).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25-28/set	FGV: Sondagens de Confiança	Set/23	-	-
25/set	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Ago/23	US\$ -1,7 bi	US\$ -3,6 bi
26/set	Ata da Reunião do Copom	-	-	-
26/set	IBGE: IPCA-15	Set/23	0,37% m/m 5,02% a/a	0,28% m/m 4,24% a/a
27/set	BCB: Nota de Operações de Crédito	Ago/23	1,3% m/m* 8,1% a/a*	-0,2% m/m 8,2% a/a
28/set	BCB: Relatório Trimestral de Inflação (RTI)	3º tri/23	-	-
28/set	FGV: IGP-M	Set/23	0,37% m/m -5,94% a/a	-0,14% m/m -7,20% a/a
28/set	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Ago/23	R\$ -26,2 bi	R\$ -35,9 bi
28/set	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Ago/23	180,0 mil	142,7 mil
29/set	PNAD: Taxa de Desemprego	Ago/23	7,8%	7,9%
29/set	BCB: Estatísticas Fiscais	Ago/23	R\$ -25,5 bi	R\$ -35,8 bi

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
26/set	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Set/23	105,5 pts	106,1 pts
26/set	EUA	Vendas de casas novas	Ago/23	-2,2% m/m	4,4% m/m
28/set	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Set/23 – final	-17,8 pts	-16,0 pts
28/set	EUA	PIB	2º tri/23 – final	2,2% t/t (anualizado)	2,0% t/t (anualizado)
28/set	EUA	Venda de casas pendentes	Ago/23	-1,0% m/m	0,9% m/m
29/set	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Set/23 – prévia	4,5% a/a	5,2% a/a
29/set	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Ago/23	0,4% m/m 0,4% m/m	0,2% m/m 0,8% m/m
29/set	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Ago/23	3,5% a/a	3,3% a/a
29/set	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Set/23 – final	67,7 pts	69,5 pts
29/set	China	PMI Manufatura e Serviços	Set/23	50,2 pts / 51,5 pts	49,7 pts / 51,0 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom reduz Selic em 0,50 pp e sinaliza manutenção do ritmo de cortes

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central voltou a reduzir a taxa Selic em 0,50 pp em sua última reunião, para 12,75% aa, como amplamente esperado pelo mercado. Além disso, o comunicado apontou que, de forma unânime, antevê a manutenção deste ritmo de corte em suas próximas reuniões.

O Comitê avaliou que o ambiente externo se mostra mais incerto, destacando que a elevação das taxas de juros de longo prazo dos EUA e a perspectiva de menor crescimento na China exigem maior atenção dos países emergentes. No cenário doméstico, apontou que a atividade tem se mostrado mais resiliente, mas segue antecipando uma desaceleração nos próximos trimestres. Em relação à inflação, como esperado, esta voltou a subir (em 12 meses), mas as medidas subjacentes seguiram em queda.

As projeções de inflação do BCB subiram marginalmente, apesar da deterioração de algumas variáveis (como o preço do petróleo e o dólar). As expectativas subiram de: 4,9% para 5,0% em 2023; de 3,4% para 3,5% em 2024; e de 3,0% para 3,1% em 2025. Assim, as projeções seguem próximas da meta de 3,0% nos anos de 2024 e 2025, o que dá conforto para o Comitê seguir com o processo de flexibilização monetária. Contudo, tal piora traz alguma dúvida sobre a viabilidade de a taxa Selic chegar até 9,0% aa em meados de 2024, conforme aponta o boletim Focus.

No geral, o comunicado trouxe poucas novidades, mas chamou a atenção as ponderações sobre o risco fiscal. Embora tenha deixado a questão fiscal fora do balanço de riscos para a inflação, o BC reforçou “a importância da execução das metas fiscais já estabelecidas para a ancoragem das expectativas de inflação e, conseqüentemente, para a condução da política monetária”. Na prática, o BC buscou enfatizar a importância do cumprimento das metas de superávit primário definidas pelo governo, indicando que uma eventual revisão da meta teria impacto negativo na condução da política monetária.

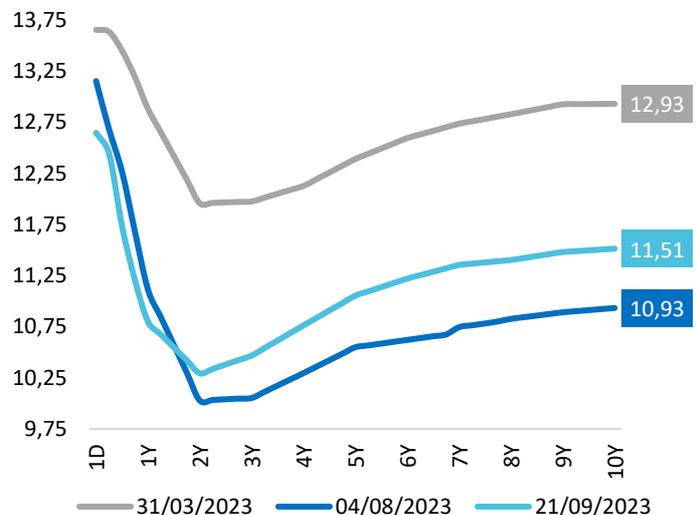
Por fim, o BCB apontou que, de forma unânime, antevê reduções de mesma magnitude da taxa Selic em suas próximas reuniões. A preocupação com o cenário fiscal, o ambiente externo menos favorável e a resiliência da atividade doméstica reforçam tal prognóstico. Desta forma, a Selic deve encerrar o ano em 11,75% aa (com cortes de 0,50 pp nas reuniões de novembro e dezembro).

Quadro 1: Taxa Selic - % aa



Fonte: BCB.

Quadro 2: Curva de Juros Futuros – % aa



Fonte: Bloomberg

Já as *proxies* mensais do PIB (IBC-Br e Monitor do PIB) reforçaram a leitura de resiliência da atividade, sustentada pelo setor de serviços. Em conjunto, os indicadores deixaram em aberto a possibilidade de uma alta do PIB no 3º trimestre.

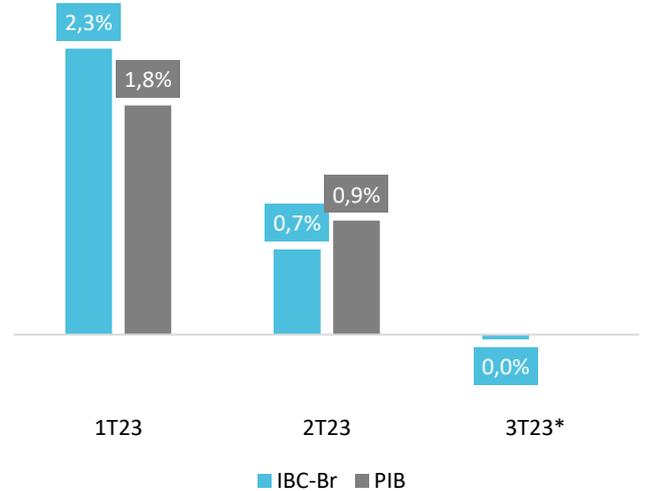
O índice IBC-Br de atividade econômica calculado pelo Banco Central avançou 0,44% em julho, em linha com o esperado (+0,5%). Apesar do BC não divulgar as aberturas, os levantamentos do IBGE sugerem que a alta do mês foi puxada pelo setor de serviços (+0,5%), que mais do que compensou os recuos do varejo (-0,3%) e da indústria (-0,6%). Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, apontou queda de 0,3% no mês. Neste caso, a Fundação destacou a retração do consumo das famílias, após cinco meses seguidos de crescimento.

No geral, os indicadores confirmaram a percepção de desaceleração gradual da atividade, em função da dissipação do choque positivo do setor agro, da política monetária ainda em patamar contracionista e da desaceleração do crescimento mundial. Contudo, tal movimento tem se mostrado mais contido do que o esperado. Neste caso, o índice IBC-Br deixou um carregamento estatístico de estabilidade (0,0%) para o 3º trimestre, indicando que, em caso de números positivos em agosto e setembro, o PIB pode voltar a crescer no período. Ainda, tais números reforçam as projeções de um crescimento próximo a 3% no ano.

A arrecadação de impostos, por sua vez, tem mostrado perda de ímpeto, devido à queda dos preços das *commodities* em reais, afetando a arrecadação sobre o lucro das empresas e com *royalties*. Segundo a RFB, a arrecadação federal de impostos ficou em R\$ 172,8 bi em agosto, o que representa uma queda real de 4,1% ante ago/22, liderada pela arrecadação com o IRPJ/CSLL (-23,3%) e pelas receitas administradas por outros órgãos, como os *royalties* de petróleo. Vale notar que tais tributos tiveram uma alta muito acentuada em 2021 e 2022, e apesar da queda recente, ainda permanecem em nível bastante acima de sua média histórica (em % do PIB), cf. Quadro 5. Por outro lado, a receita da previdência (+2,3%) segue em alta, diante do contínuo aumento da ocupação e da massa salarial; assim como a arrecadação com PIS/Cofins (+6,1%) refletindo a reoneração dos impostos sobre os combustíveis.

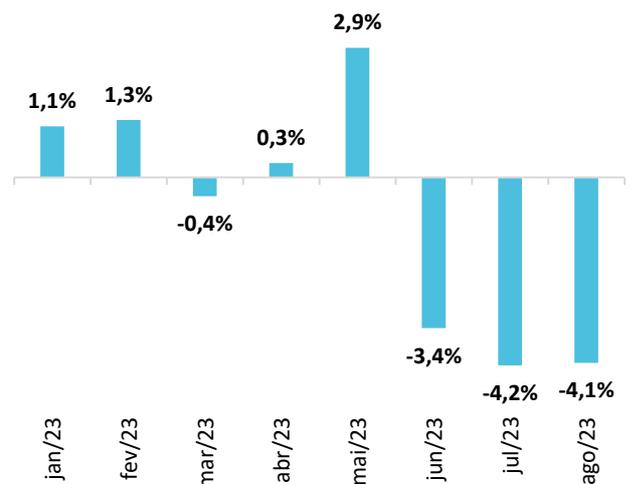
Diante de tais números, é provável que os analistas elevem a previsão do déficit primário desde ano, que deve ficar acima de R\$ 100 bi. Ainda, tal cenário aumenta a pressão do governo em obter novas fontes de receita, afim de zerar o resultado primário em 2024.

Quadro 3: IBC-Br e PIB – Var. % trimestral (T/T-1)



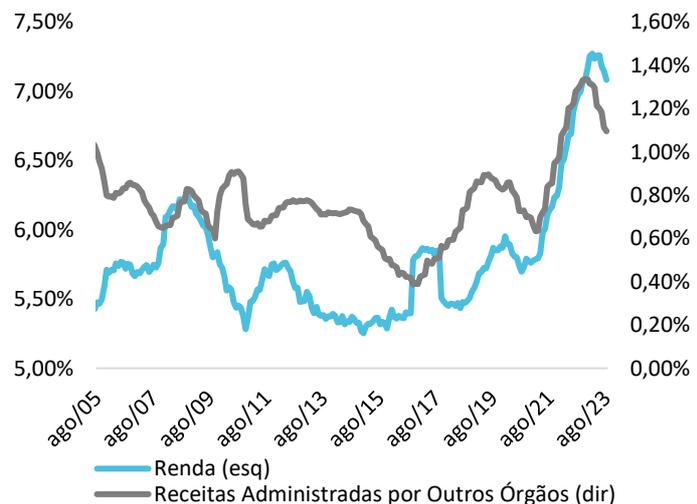
Fonte: BCB e IBGE. *Carry Over

Quadro 4: Arrecadação Federal de Impostos Var.% real (IPCA) ante o mês do ano anterior



Fonte: RFB

Quadro 5: Impostos sobre a Renda e de Outros Órgãos (% do PIB) – Acum. 12 meses



Fonte: RFB

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Cenário de juros altos por mais tempo nos EUA vai se consolidando e penaliza ativos

O cenário de aversão ao risco voltou a predominar na última semana no cenário internacional, diante da percepção de que as taxas de juros seguirão elevadas nos países desenvolvidos, especialmente nos EUA, por um bom tempo. Na semana, as taxas de juros embutidas nas *treasuries* norte-americanas de longo prazo (10 anos) atingiram o maior valor desde 2007, penalizando os ativos de risco.

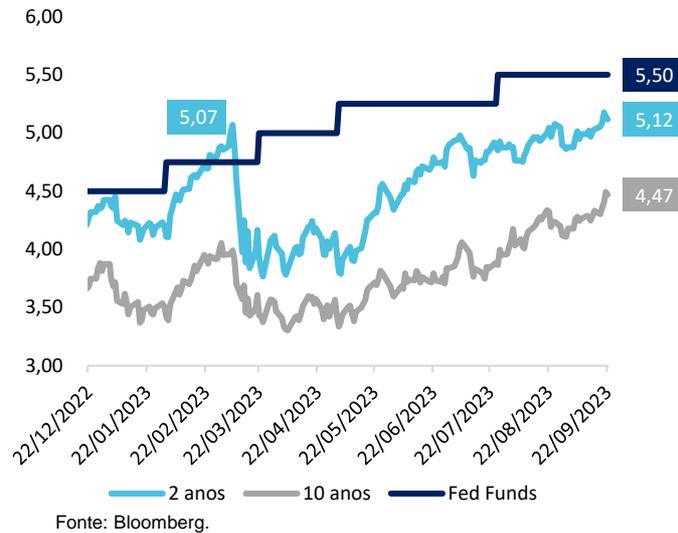
Tal quadro decorreu, em parte, da decisão do Fed, na qual, apesar da manutenção das taxas de juros entre 5,25% e 5,50% aa, não houve uma comunicação clara sobre o fim do aperto monetário. Pelo contrário, o comunicado afirmou que o Colegiado está preparado para ajustar seus planos caso surjam fatores que coloquem seus objetivos em risco. Além disso, as novas projeções econômicas divulgadas pela autoridade monetária dos EUA indicaram que a maioria dos dirigentes espera mais uma alta de juros no ano, de 0,25 pp, além de sinalizar menos cortes no ano que vem. As projeções para os juros subiram 0,5 pp para 2024 e 2025, para 5,1% e 3,9%, respectivamente (ante projeções de 4,6% e 3,4%).

Em relação à atividade, o Fed apontou que esta segue “sólida”, elevando as projeções de crescimento do PIB e reduzindo a taxa de desemprego projetada para este e os próximos anos. Neste sentido, vale destacar o resultado da prévia de setembro do índice PMI, que mostrou que a atividade segue em expansão no setor de serviços, apesar dos sinais de arrefecimento (caiu de 50,5 pts para 50,2 pts).

Já em relação à inflação, além das constantes limitações de oferta de petróleo adotadas pela Opep; agora, a Rússia informou que proibiu temporariamente a exportação de diesel, na tentativa de resolver uma suposta escassez interna do produto, podendo se tornar mais uma fonte global de pressão inflacionária. Com isso, o preço do barril se firmou próximo ao nível de US\$ 95 (barril).

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) atingiu 5,2% nos 12 meses encerrados em agosto (ante 5,3% em jul/23), refletindo o aperto monetário promovido pelo BCE, além do alívio vindo dos preços de energia na região (-3,3%, no comparativo anual), que como visto acima, pode voltar a ser uma fonte de pressão. Já as prévias dos índices PMIs para setembro continuam apontando desaceleração da atividade, com o setor de serviços se mantendo mais dinâmico do que a indústria, mas ambos em terreno contracionista. Já na Inglaterra, o BoE manteve as taxas de juros em 5,25% aa, após 14 altas consecutivas, surpreendendo o mercado, apesar da inflação ainda elevada no país (6,7%).

Quadro 6: Fed Funds e Taxas de Juros das Treasuries de 2 a 10 anos (Em %)

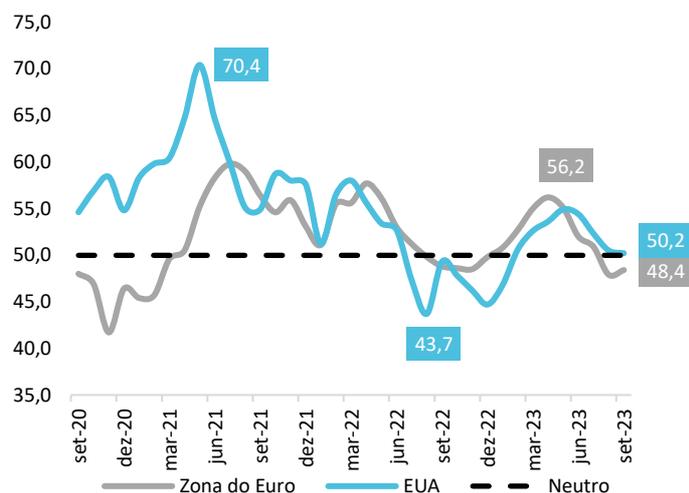


Quadro 7: EUA – Mediana das projeções do Fed na reunião de setembro e diferença (p.p.) ante junho

	Projeção set/23			Diferença ante jun/23 Em p.p.		
	2023	2024	2025	2023	2024	2025
Taxa de Juros (% aa)	5,6	5,1	3,9	0,0	+0,5	+0,5
Inflação PCE (Var. % a/a)	3,3	2,5	2,2	+0,1	0,0	+0,1
PIB real (Var. % a/a)	2,1	1,5	1,8	+1,1	+0,4	0,0
Tx de desemprego (%)	3,8	4,1	4,1	-0,3	-0,4	-0,4

Fonte: Summary of Economic Projections (Fomc/Fed).

Quadro 8: EUA e Zona do Euro – PMI Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve mostrar suavização do ritmo de desaceleração

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 1,3% em agosto, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Caso a estimativa se confirme, sinaliza uma suavização do movimento de desaceleração da carteira, que deve ficar praticamente estável em 12 meses, passando de uma alta de 8,2% para 8,1%.

No mês, o crescimento deve ser liderado pelo crédito direcionado (+1,9%), com forte desempenho tanto na carteira PF (+1,5%) quanto na carteira PJ (+2,6%). Em ambos os casos, os resultados devem ser impulsionados pelo crédito rural, refletindo a liberação de recursos do Plano Safra 2023/24. No caso das empresas, o crescimento também deve seguir impulsionado pelos estímulos via programas públicos e financiamentos com recursos do BNDES.

O crédito livre também deve crescer em agosto, com alta estimada de 0,9%. A carteira às empresas deve avançar 1,2% no mês, beneficiada pelos sinais de normalização das linhas de fluxo

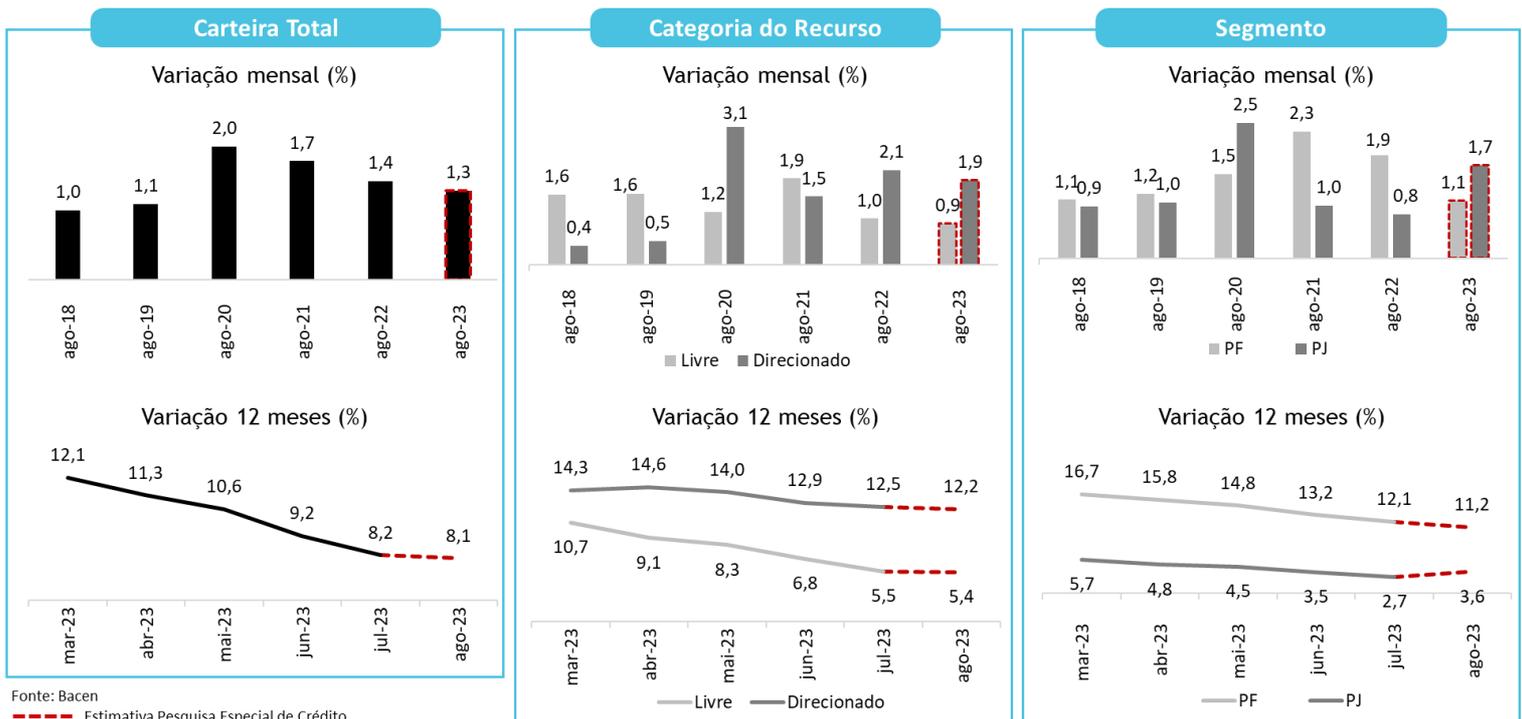
de caixa (desconto de recebíveis e antecipação de faturas), diante da percepção de redução do risco no segmento. Com isso, em 12 meses, a carteira Livre PJ deve voltar ao terreno positivo (+0,2% ante -0,6%), embora praticamente estagnada.

Já a carteira livre destinada às famílias deve crescer 0,7%, mas mantendo os sinais de perda de fôlego (desacelerando de 10,4% para 9,5% em 12 meses).

No geral, a leitura de agosto deve mostrar uma dinâmica mais benigna do crédito, com arrefecimento do movimento de desaceleração observado nos últimos meses. Tal resultado reflete a melhora percebida no cenário macroeconômico, com início do processo de flexibilização monetária (que já tem contribuído para a redução das taxas de juros bancárias), normalização da percepção de risco no segmento PJ, além dos sinais do fim de ciclo de alta da inadimplência da carteira PF.

Por sinal, a expectativa é de que tais fatores sigam contribuindo para a dinâmica do crédito ao longo do 2º semestre, ajudando a manter o ritmo de expansão da carteira próximo a 8% neste ano.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta crescimento de 10,5% em agosto. Quando ajustado pelo número de dias úteis, a alta será de 1,1%.

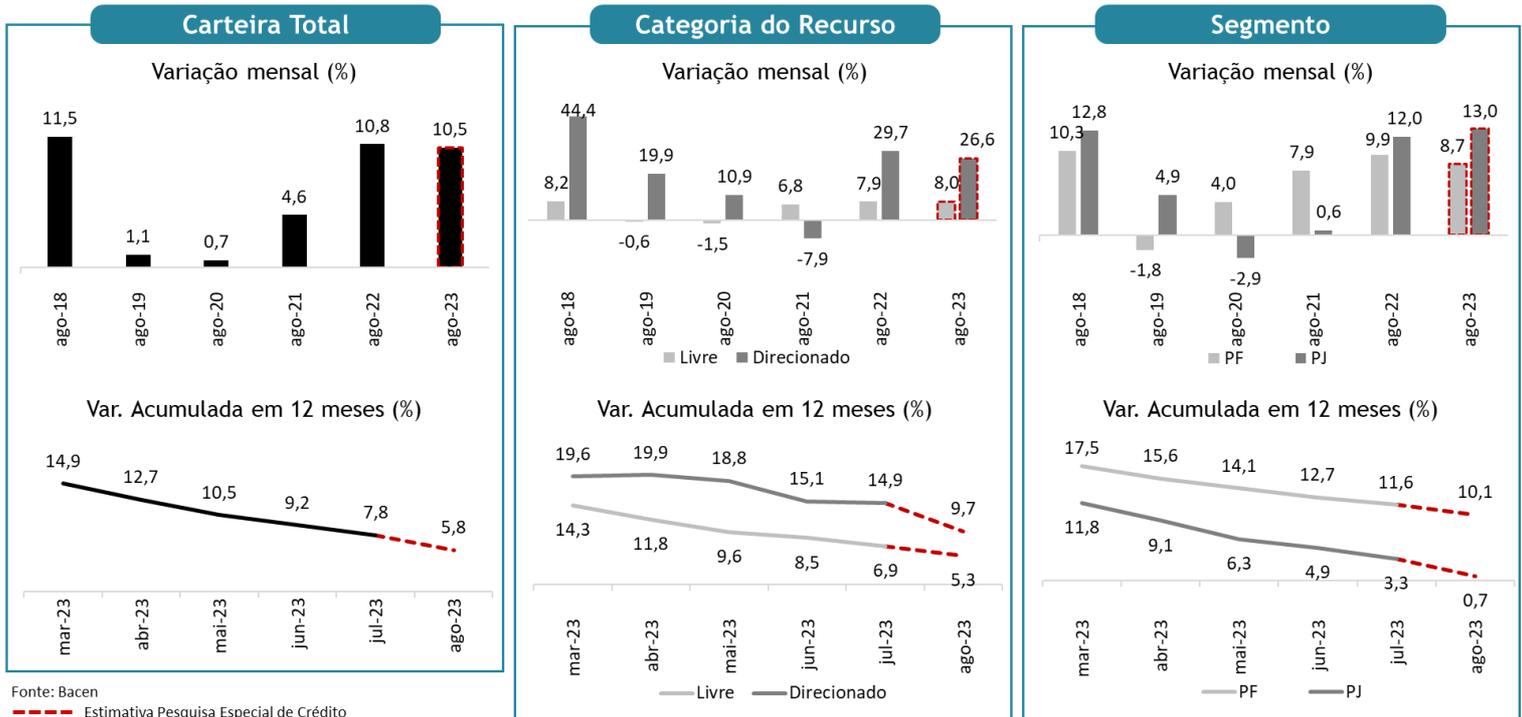
O crescimento deve ser liderado pelo crédito direcionado (+15,6%, já ajustado), novamente impulsionado pelo forte volume de operações de crédito rural, que segue respondendo à nova edição do Plano Safra. O deslocamento da demanda do crédito livre e do mercado de capitais para o segmento direcionado (via incentivo de programas públicos e repasses do BNDES) também tem contribuído para o avanço do segmento.

Na outra ponta, as operações com recursos livres devem recuar 1,4% no mês, pressionadas especialmente pela acomodação das linhas de crédito voltadas para o consumo das famílias.

No acumulado em 12 meses, o volume de concessões deve seguir em trajetória de desaceleração, passando de 7,8% para 5,8%. A perda de fôlego deve ser observada tanto nas operações com recursos livres (de 6,9% para 5,3%) quanto naquelas com recursos direcionados (de 14,9% para 9,7%), embora neste caso ainda permanecendo em nível elevado.

A Nota de Política Monetária e Crédito será divulgada pelo Banco Central na quarta-feira, dia 27 de setembro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	22/09/23	15/09/23	25/08/23	Viés	22/09/23	15/09/23	25/08/23	Viés
IPCA (%)	4,86	4,86	4,90	↔	3,86	3,86	3,87	↔
PIB (% de crescimento)	2,92	2,89	2,31	▲	1,50	1,50	1,33	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	9,00	9,00	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	4,95	4,95	4,98	↔	5,00	5,00	5,00	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	22/09/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,94	1,48%	-0,37%	-6,51%	-3,52%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	182,97	10,35%	8,95%	-27,98%	-31,68%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,65	-0,71%	-2,50%	-7,33%	-7,34%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,81	0,36%	-1,20%	-19,41%	-18,26%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,02	1,71%	2,27%	-12,66%	-1,64%
Índice Ibovespa (em pontos)	116.008,64	-2,31%	0,23%	5,72%	1,70%
IFNC (setor financeiro)	11.299,45	-3,36%	-2,38%	10,20%	-0,86%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	69,23%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	5,11	1,53%	5,08%	15,45%	23,96%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,43	2,34%	7,93%	14,42%	19,38%
Dollar Index	105,58	0,25%	1,90%	1,99%	-5,18%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.320,06	-2,93%	-4,16%	12,52%	14,96%
Índice de ações de bancos – EUA	86,64	-4,97%	-7,07%	-24,06%	-24,90%
Índice Euro Stoxx 50	4.207,16	-2,05%	-2,09%	10,90%	22,76%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	110,60	-0,19%	-0,88%	15,38%	28,57%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	93,27	-0,70%	7,38%	8,57%	3,11%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira